



Título: CAPITÃES DA AREIA: UMA (RE) LEITURA, DIVERSOS OLHARES

Autoras: Graciela Massironi Carus e Vanessa Custódia Inácio

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professor da turma: Liliane Zonta

Ano: 3º (2016)

Contextualização do projeto: A fim de dar conta dos conteúdos previstos no planejamento anual da professora regente, contemplar o que está previsto nos documentos orientadores de ensino de Língua Portuguesa e atender às metodologias priorizadas pelos estudantes da turma as estagiárias escolheram trabalhar com a releitura da obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado e o tipo textual dissertativo-argumentativo pela proximidade do Enem. Devido ao tempo limitado do estágio, não era possível prever a leitura da obra na íntegra no período de implementação do projeto de docência, embora fosse esse o melhor caminho. Tomando *Capitães da Areia* e o texto dissertativo-argumentativo como pontos de partida, foram desenvolvidas atividades de leitura, produção textual e sua reescrita e análise linguística focando na recorrência de inadequações presentes nas produções textuais com o intuito de dar condições para que os estudantes escrevam e leiam dentro de um contexto de uso social da língua. O processo desenvolvido ao longo do projeto teve como produção final um fotolivro que buscou relacionar o cotidiano/realidade dos alunos com a obra estudada.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aula (s)	H/A	Conteúdo
1 e 2	2	Apresentação do projeto; o Modernismo; semana de Arte Moderna; romance de 30
3	1	Retorno das leituras e explicações da aula anterior: romance de 30.
4 e 5	2	Apresentação e discussão sobre Jorge Amado e sua obra <i>Capitães da Areia</i> ; leitura de um trecho da obra.
6	1	Apresentação do filme <i>Capitães da Areia</i> .
7	1	Continuação do filme <i>Capitães da Areia</i> .
8 e 9	2	Discussão sobre o filme; definição dos tópicos para a produção textual; leitura e explicação do texto dissertativo-argumentativo; competências avaliadas no ENEM; envio da foto para o fotolivro.
10	1	Continuação da aula anterior, texto dissertativo-argumentativo e competências avaliadas no ENEM.
11 e 12	2	Produção Textual.
13	1	Análise Linguística.
14 e 15	2	Continuação da análise linguística; reescrita.
16	1	Apresentação da produção final.
15	1	Análise linguística.
16	1	Reescrever o conto produzido em aulas anteriores.

Tipo textual e tema referência: dissertativo argumentativo e a obra *Capitães da Areia*.

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de textos do tipo dissertativo-argumentativo; o exercício da leitura através de trechos da obra *Capitães da Areia* e outros materiais sobre a obra e sobre o texto dissertativo-argumentativo; o trabalho com a oralidade se deu através das discussões realizadas nas aulas acerca dos textos lidos pelos estudantes; e a análise linguística foi trabalhada a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Refletir acerca de temas da atualidade com base na leitura e análise desses mesmos temas em uma obra escrita há 80 anos, representativa da estética modernista, e na tomada de posição acerca deles na produção escrita de texto dissertativo-argumentativo e de texto imagético que represente a realidade em que se vive, desenvolvendo a criatividade, a empatia e o respeito em relação à condição de vida e ao dizer do outro.

Com relação à leitura: desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê, considerando a importância das particularidades de cada gênero e de como estes estão inseridos no nosso cotidiano, assim como da estética literária Modernista;

No que se refere ao ensino da escrita: aprimorar a escrita, assumindo a palavra para se posicionar acerca de temas que se relacionam ao contexto social e, assim, reconhecer essa modalidade de uso da língua, não apenas como produto de uma atividade escolar, mas como possibilidade de dizer para além da sala de aula;

Quanto à análise linguística: reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para erros recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita;

No que tange à oralidade: reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aulas 1 e 2 (2h/a)

Primeiramente fazer algumas explicações sobre como ocorrerá o projeto que será realizado com a turma. Justificar a escolha do tema e dar início ao estudo sobre o Modernismo - a primeira geração modernista, A Semana de Arte Moderna e a Segunda geração modernista – o romance de 30.

Posteriormente, distribuir fotocópias de um texto introdutório sobre o contexto histórico e cultural da escola literária, as características e o desenvolvimento dessas fases literárias (anexo 1)¹. Iniciar a leitura e posteriormente indicar o nome de um aluno para prosseguir. Durante a leitura abrir uma discussão para verificar o conhecimento dos alunos e sanar dúvidas referentes ao texto.

Em seguida, distribuir alguns exemplares de obras de autores modernistas para abordar quais são conhecidas pelos alunos e se gostam de alguma.

Ao final da aula, orientar os estudantes que na próxima aula dar-se-á continuidade ao estudo, finalizando a leitura do texto referente à Segunda geração modernista - o Romance de 30.

Aula 3 (1h/a)

Iniciar a aula explicando que será dada continuidade à aula anterior, finalizando a leitura e as discussões do texto referentes ao Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30².

Em seguida solicitar aos alunos que peguem seus textos e iniciar a leitura em voz alta, solicitando posteriormente a um aluno que prossiga com a leitura oral. Durante a atividade de leitura abrir um momento de discussão, reflexão e para esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto em estudo.

Ao final da aula, ressaltar a importância de todos estarem presentes na aula seguinte, pois o autor Jorge Amado e sua obra, que será o tema principal do projeto de docência, serão apresentados.

Aulas 4 e 5 (2h/a)

Iniciar a aula distribuindo as fotocópias do material sobre Jorge Amado. Em seguida, abrir uma discussão para saber se algum dos estudantes já conhece o autor e suas obras.

¹ Os textos entregues aos alunos na primeira aula não são facilmente encontrados na internet e por essa razão foram disponibilizados no anexo 1.

² O texto entregue aos alunos se intitula *Modernismo no Brasil - a 2ª geração: O Romance de 30* e está disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/literatura/o-modernismo-no-brasil2-fase.htm>. Acesso em: 21.06.2021.

Posteriormente, começar a leitura de uma breve biografia de Jorge Amado, bem como apresentar um pouco de suas obras e as características que as permeiam (anexo 2)³. Se possível, levar obras do autor para que os estudantes possam folhear os livros e conhecer um pouco das obras.

Após a apresentação e discussão sobre o autor, focar na obra *Capitães da Areia*, e fazer uma breve explicação sobre a obra, bem como do momento histórico em que foi escrita⁴.

Distribuir fotocópias dos excertos retirados da obra *Capitães da Areia* (anexo 3) e pedir que os alunos façam a leitura em voz alta, conforme o nome do aluno a ser chamado, enfatizando que todos farão a leitura. Abrir uma discussão a respeito da obra, para saber se os alunos já conheciam, se gostaram e se pretendem continuar a leitura.

Aula 6 (1h/a)

Assistir ao filme *Capitães da Areia*⁵.

Aula 7 (1h/a)

Continuar assistindo o filme *Capitães da Areia*.

Aulas 8 e 9 (2h/a)

Iniciar a aula questionando os alunos sobre o filme. Perguntas do tipo: O que acharam? Já conheciam? Gostaram? Entenderam o enredo?

Depois da discussão sobre o filme, colocar em pauta os possíveis tópicos para a produção final, com base no enredo do filme. Além da temática central do menor abandonado, a religião católica, o candomblé, a violência, o mar e outros aspectos da Bahia são temáticas desenvolvidas na obra e podem ser fonte de inspiração para as fotos.

Após os temas da produção final estarem definidos, distribuir o material⁶ para iniciar a explicação do texto dissertativo-argumentativo e das competências avaliadas na prova de redação do ENEM.

³ O texto entregue aos alunos não é facilmente encontrado na internet e por essa razão foi disponibilizado no anexo 2.

⁴ O texto entregue aos alunos nesse momento está disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12572&ordena=2>. Acesso em: 21.06.2021.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYh5WNbXLwc>. Acesso em: 25.05.2016.

⁶ O texto entregue aos alunos foi retirado na íntegra do *Guia do Participante* de 2013, especificamente das páginas em que se explica cada uma das competências. O material está disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_participante_redacao_enem_2_013.pdf. Acesso em: 21.06.2021.

Solicitar aos alunos que façam a leitura em voz alta, respeitando a ordem em que forem chamados conforme a lista de presença. Durante a leitura enfatizar características importantes do tema.

Ao final lembrar aos alunos que todos devem mandar a foto e a frase para compor a produção final, que consiste em um fotolivro, ou seja, um livro com fotografias e frases relendo a obra “Capitães da Areia”.

Aula 10 (1h/a)

Iniciar a aula solicitando aos alunos que peguem novamente as fotocópias do material sobre o texto dissertativo-argumentativo e as competências avaliadas na prova de redação do ENEM. Continuar a leitura em voz alta, partindo de onde a leitura parou na aula anterior, chamando os alunos para participar conforme a chamada.

Explicar e ressaltar os pontos mais importantes do material, e, se possível, trazer um material para circular pela sala com o Guia de Redação do ENEM completo. Em concomitância com a explicação do texto dissertativo-argumentativo, discorrer sobre as competências avaliadas na prova de redação do ENEM, e esclarecer as possíveis dúvidas que os alunos tiverem.

Ao final do material terá o exemplo de uma redação nota máxima no ENEM, seguido de comentários. Utilizar a redação para exemplificar os tópicos centrais do texto dissertativo-argumentativo.

Aulas 11 e 12 (2h/a)

No início da aula distribuir aos alunos a folha para que possam iniciar a escrita das suas respectivas produções textuais⁷ (anexo 4). Explicar aos alunos que cada um poderá optar por um tema, dentro dos disponíveis, no entanto o tipo de texto é dissertativo-argumentativo, conforme já estudado. Tais temas têm relação direta com a obra *Capitães da Areia* lida e analisada nas aulas anteriores.

Distribuir materiais que possam auxiliar os alunos na escrita, e percorrer a sala durante as aulas auxiliando-os no que for necessário. Enfatizar o fato de que os alunos terão as duas aulas para iniciar e finalizar sua produção, e ao final, todas serão recolhidas.

Aula 13 (1h/a)

⁷ As estagiárias entregaram a proposta de redação (anexo 4) juntamente com uma folha para a escrita segundo o padrão utilizado na prova de redação do Enem.

No início da aula distribuir fotocópias aos alunos contendo alguns exemplos das inadequações mais recorrentes encontradas nas primeiras versões das produções textuais em relação ao tipo textual dissertativo-argumentativo e às competências avaliadas na prova de redação do ENEM. Além das inadequações da primeira versão da redação dos estudantes, esta aula foi pensada também com um foco na análise e reflexão sobre a função e os usos da pontuação.

Aulas 14 e 15 (2h/a)

Iniciar a aula solicitando aos alunos que peguem suas fotocópias dos erros mais recorrentes e do material de apoio, entregues na última aula, para continuar a discussão e explicação. Ao finalizar questionar se há dúvidas e esclarecer que serão devolvidas as produções textuais dos alunos, com suas respectivas considerações, para que os mesmos possam reescrevê-las.

Explicar que os alunos terão a aula para fazerem a reescrita, corrigindo suas produções com base nas considerações marcadas na correção da primeira versão. Entregar as folhas para a reescrita⁸ (anexo 5). Ao final recolher todas as produções.

Aula 16 (1h/a)

Nesta aula mostrar aos alunos a produção final (anexo 6), que consiste em um livro com fotos e frases produzidas pelos estudantes. Solicitar aos alunos que exponham a sua experiência nas últimas aulas, com as atividades e com o produto final produzido.

⁸ As estagiárias entregaram a proposta de reescrita da redação (anexo 5) juntamente com uma folha segundo o padrão utilizado na prova de redação do Enem.

Anexos

Anexo 1 - Texto sobre modernismo

ESCOLAS LITERÁRIAS¹

Escola literária ou movimento literário é o termo usado para definir uma tendência estética que envolve um grupo de obras literárias produzidas num determinado período histórico, e, na língua portuguesa, os movimentos literários são geralmente divididos em: Trovadorismo, Humanismo, Renascimento, Classicismo, Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, PréModernismo e Modernismo.

¹ Disponível em:

<http://professoraelianatedesco.blogspot.com.br/2012/02/escolaliteraria-ou-movimento-literario.html>

O MODERNISMO NO BRASIL²

Foi o mais importante movimento literário do século XX, que rompeu com a tradição clássica e deu início à busca e formação de uma identidade genuinamente brasileira na literatura.

O movimento modernista no Brasil contou com duas fases: a primeira foi de 1922 a 1930 e a segunda, de 1930 a 1945. A primeira fase caracterizou-se pelas tentativas de solidificação do movimento renovador e pela divulgação de obras e ideias modernistas.

Apesar da diversidade de correntes e ideias, pode-se dizer que, de modo geral, os escritores de maior destaque dessa fase defendiam estas propostas: reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais; promoção de uma revisão crítica de nosso passado histórico e de nossas tradições culturais; eliminação definitiva do nosso complexo de colonizados, apegados a valores estrangeiros. Portanto, todas elas estão relacionadas com a visão nacionalista, porém crítica, da realidade brasileira.

CONTEXTO HISTÓRICO – 1ª FASE

Últimos anos da chamada República Velha, (domínio político das oligarquias ligadas aos grandes proprietários rurais);

05 de julho de 1922, a revolta dos militares do Forte de Copacabana;

Em 1929, quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, provocando um colapso na economia mundial;

Revolução de 1930, (movimento tenentista) e a ascensão de Getúlio Vargas;

Criação do Partido Comunista, e

Criação do Partido Democrático.

A SEMANA DE ARTE MODERNA

Embora as primeiras manifestações modernistas já viessem surgindo em São Paulo desde 1911, é somente na década de 1920, principalmente a partir da Semana de Arte Moderna (1922), que o Modernismo se difunde e se solidifica em nosso país. O debate em torno das questões estéticas aos poucos ganha caráter ideológico, o que prenuncia a literatura de fundo político da década de 1930.

A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, representa um divisor de águas na cultura brasileira, tal a profundidade das transformações que gerou. Contudo, a Semana não foi o começo das mudanças, mas o ponto culminante de um processo que iniciara na década anterior, quando um conjunto de episódios, tais como publicações de artigos polêmicos na imprensa, publicações de obras, exposições e conferências, começou a minar as sólidas bases da cultura acadêmica popular nacional.

A Semana de Arte Moderna ocorreu entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, com a participação de artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seus participantes não tinham sequer um projeto artístico comum; unia-os apenas o sentimento de liberdade de criação e o desejo de romper com a cultura tradicional. Os principais organizadores desse evento foram: Manuel Bandeira; Mário de Andrade; Oswald de Andrade; Guilhermina de Almeida; Godofredo Silva Telles e Paulo Prado.



À esquerda, capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna em 1922.
À direita, cartaz criado por Di Cavalcanti.

Várias obras, grupos, movimentos, revistas e manifestos ganharam o cenário intelectual brasileiro, numa investigação profunda e por vezes radical de novos conteúdos e de novas formas de expressão. Os resultados deixados por esse período de pesquisas foram a implantação definitiva do movimento modernista e a maturidade e autonomia de nossa literatura. Exemplos:

A Revista Klaxon, em oposição ao velho, o novo faz inovações no campo gráfico, visual e propagandístico;

A Revista, responsável pela divulgação do movimento modernista em Minas Gerais e contava com Carlos Drummond de Andrade entre seus redatores;

Manifesto Pau-Brasil, escrito em Paris por Oswald de Andrade, considerando que o pau-brasil fora o primeiro produto de exportação do Brasil-Colônia, propunha a criação da primeira poesia de exportação brasileira, a poesia paubrasil.

A Revista de Antropofagia - Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp lançam o movimento: a Antropofagia. O movimento foi inspirado no quadro Abaporu (—antropófago, em tupi), que Tarsila oferecera a Oswald como presente de aniversário. Propunha a devoração da cultura estrangeira, aproveitando suas inovações artísticas, porém sem perder nossa própria identidade cultural.

A partir desse momento, além dos autores da primeira geração modernista, contemporânea e participante dos acontecimentos relatados, surge um rol de imortais nomes da literatura brasileira do século XX, como: Carlos Drummond, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Jorge Amado e tantos outros. Além disso, é relevante mencionar algumas obras publicadas nessa primeira fase do Modernismo:

Paulicéia desvairada (1922), Amar, verbo intransitivo (1927) e Macunaíma (1920) de Mário de Andrade;

Memórias sentimentais de João Miramar (1923) de Oswald de Andrade;

O estrangeiro (1926) de Plínio Salgado;

Ritmo dissoluto (1924) de Manuel Bandeira, e

Brás, Bexiga e Barra Funda (1927) de Alcântara Machado.

Interessa destacar a importância da literatura brasileira nesse período, como uma manifestação artística genuinamente brasileira, manifestação que contribuiu para a formação de nossa identidade cultural.

²Partes do texto retirado na íntegra do cap. 29 da obra abaixo referenciada: CEREJA; MAGALHÃES. Literatura Brasileira: ensino médio / Willian Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 2 ed. Reform. - São Paulo: Atual, 2000.

Anexo 2 - Jorge Amado

JORGE AMADO: LIRISMO E MILITÂNCIA NA BAHIA¹

Jorge Amado (1912-2001) nasceu em Pirangi, no Estado da Bahia. Trabalhou na imprensa e estudou Direito. Em 1931, mudou para o Rio de Janeiro e se tornou conhecido com a publicação do romance *O país do carnaval*. Alcançou notoriedade, entretanto, com dois romances publicados logo em seguida: *Cacau* e *Suor*.

Politicamente comprometido com ideias socialistas, participou da Aliança Nacional Libertadora, movimento de frente popular, e foi preso em 1936. Libertado em 1937, morou em Buenos Aires, onde publicou a biografia de Luís Carlos Prestes. De volta ao Brasil, em 1945, foi eleito deputado federal, mas teve cassado seu mandato político. Deixou novamente o país e residiu na França, na União Soviética e em países das chamadas democracias populares até 1952, quando retornou ao Brasil. Nessa ocasião já se tornara mundialmente conhecido. Em 1959, ingressou na Academia Brasileira de Letras. Seus livros estão hoje traduzidos para mais de trinta línguas.

A maior parte das obras do escritor, principalmente as primeiras que publicou, apresenta preocupação político-social, denunciando, num tom direto, lírico e participante, a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares.

Conforme o autor foi amadurecendo, sua força poética voltou-se para os pobres, para a infância abandonada e delinquente, para a miséria do negro, para o cais e os pescadores de sua terra natal, para a seca, o cangaço, a exploração do trabalhador urbano e rural e para a denúncia do coronelismo latifundiário.

Parte da crítica literária vê pouco valor na obra de Jorge Amado, principalmente nos romances da última fase. Certos críticos rejeitam o caráter militante de algumas de suas obras, acusando-as de panfletárias; outros rejeitam sua linguagem despretensiosa e popular, acusando-o de escrever mal; outros rejeitam o apimentado de suas histórias mais populares, recheadas de erotismo; outros o consideram repetitivo em relação a personagens e enredos. Independentemente da opinião crítica, porém, Jorge Amado tornou-se um dos mais prestigiados escritores brasileiros no Brasil e no exterior. Suas obras traduzidas em 55 países e, no Brasil, venderam 20 milhões de exemplares.

Em março de 2012, entre os eventos comemorativos do centenário do escritor, houve o relançamento de suas obras, o lançamento do filme *Capitães da Areia* e a montagem de uma exposição sobre ele no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

¹ Texto retirado na íntegra da referência abaixo. CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português: linguagens, 3. 9ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013, p.170.

Anexo 3 - Trecho de *Capitães da Areia*

Trechos da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado³

O TRAPICHE (p. 19 e 21)

“Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. [...] Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas do cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.”

NOITE DOS “CAPITÃES DA AREIA” (p. 34)

“—Uma noite o Gato andava pelas ruas das mulheres, o cabelo muito lustroso de brilhantina barata, uma gravata enrolada no pescoço, assoviando como se fosse um daqueles malandros da cidade. As mulheres olhavam e riam:

- Olha aquele frangote...O que quererá por aqui?

O Gato respondia aos sorrisos e seguia. Esperava que uma o chamasse e fizesse o amor com ele. Mas não queria por dinheiro, não só porque os níqueis que possuía não passavam de mil e quinhentos, como porque os Capitães da Areia não gostavam de pagar mulher. Tinham as negrinhas de dezesseis anos para derrubar no areal.”

AS LUZES DO CARROSSEL (p. 62)

“Depois vai o Sem-Perna. Vai calado, uma estranha comoção o possui. Vai como um crente para uma missa, um amante para o seio da mulher amada, um suicida para a morte. Vai pálido e coxeia. Monta um cavalo azul que tem estrelas pintadas no lombo de madeira. Os lábios estão apertados, seus ouvidos não ouvem a música da pianola. Só vê as luzes que giram com ele e prende em si a certeza de que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pai e mãe, e uma casa e que os beije e quem os ame. Pensa que é um deles e fecha os olhos para guardar melhor esta certeza. Já não vê os soldados que o

surraram, o homem de colete que ria. [...] O SemPerna vai teso no seu cavalo. É como se corresse sobre o mar para as estrelas na mais maravilhosa viagem do mundo. Uma viagem como o Professor nunca leu nem inventou. Seu coração bate tanto, tanto, que ele aperta com a mão.”

DORA, IRMÃ E NOIVA (p. 182,183)

“—[...] Ela abanou a cabeça afirmando. Então ela chegou os lábios para junto dos de Pedro Bala, os beijou e depois fugiu. Ele saiu correndo atrás dela, mas ela se escondia, não se deixava pegar. Aos poucos foram chegando os outros. Ela de longe sorria para Pedro Bala. Não havia nenhuma malícia no seu sorriso. Mas seu olhar era diferente do olhar de irmã que lançava aos outros. Era um doce olhar de noiva, de noiva ingênua e tímida. Talvez mesmo não soubessem que era amor. Apesar de não ser noite de lua, havia um romântico romance no casarão colonial. Ela sorria e baixava os olhos, por vezes piscava com um olho porque pensava que isto era namorar. E seu coração batia rápido quando o olhava. Não sabia que isso era amor. Por fim a lua veio, estendeu sua luz amarela no trapiche. Pedro Bala se deitou na areia e mesmo de olhos fechados via Dora. Sentiu quando ela chegou e deitou a seu lado. Disse:

- Tu agora é minha noiva. Um dia a gente se casa.

Continuou de olhos fechados. Ela disse baixinho:

-Tu é meu noivo.

Mesmo não sabendo que era amor, sentiam que era bom.”

DORA, ESPOSA (p. 208, 209, 210)

“O cachorro late a lua na areia. Sem-Pernas sai do trapiche, acompanha Don'Aninha através do areal. Ela disse que a febre não tardaria a ir embora. Pirulito sai também, vai chamar o padre José Pedro. Tem confiança no padre, ele pode saber um remédio. Dentro do trapiche os Capitães da Areia estão silenciosos. Dora pediu que eles fossem dormir. Se deitaram pelo chão, mas são raros os que dormem. Na paz imensa da noite pensam na febre que consome Dora. Ela beijou Zé Fuinha, mandou que ele fosse dormir. Ele não compreende bem. Sabe que ela está doente, mas não pensa um momento que ela o poderá abandonar. Mas os Capitães da Areia temem que isso aconteça. Então ficarão novamente sem mãe, sem irmã, sem noiva.

Agora só João Grande e Pedro Bala estão a seu lado. O negro sorri, mas Dora sabe que o sorriso dele é forçado, é um sorriso para a animar, um sorriso arrancado à força da tristeza que o negro sente. Pedro Bala segura sua mão. Mais retirado, Professor está dobrado sobre si mesmo, a cabeça enterrada nas mãos. Dora diz:

-- Pedro?

-- Que é?

-- Chegue aqui.

Ele se aproxima. A voz dela é um fio de voz. Pedro fala com carinho:

-- Tu quer alguma coisa?

-- Tu gosta de mim?

-- Tu bem sabe...

-- Deita aqui.

Pedro deita ao seu lado. João Grande se afasta, chega para perto de Professor. Mas não conversam, ficam entregues à sua tristeza. No entanto é uma noite de paz que envolve o trapiche. E a paz da noite está também nos olhos doentes de Dora.

-- Mais perto...

Ele se chega mais, os corpos estão juntos. Ela toma a mão dele, leva ao seu peito. Arde de febre. A mão de Pedro está sobre seu seio de menina. Ela faz com que ele a acaricie, diz:

-- Tu sabe que já sou moça?

A mão dele pousada nos seus seios, os corpos juntos. Uma grande paz nos olhos dela:

-- Foi no orfanato... Agora posso ser tua mulher.

Ele a olha espantado:

-- Não, que tu tá doente...

-- Antes de eu morrer. Vem...

-- Tu não vai morrer.

-- Se tu vier, não.

Se abraçam. O desejo é abrupto e terrível. Pedro não a quer magoar, mas ela não mostra sinais de dor. Uma grande paz em todo seu ser.

-- Tu é minha agora - fala ele com voz agitada.

Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria.

Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura:

-- É bom... Sou tua mulher.

Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor.

-- Agora vou dormir -- diz.

Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa. A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas nos corações dos dois meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia.”

OS ATABAQUES RESSOAM COMO CLARINS DE GUERRA (p. 252, 253, 254)

“A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

Companheiros, chegou a hora...

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comércio, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoieiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas-desanto do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa-Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como ressoar dos atabaques nas macumbas. Voz que vem da lembrança de Dora, valente lutadora. Voz que chama Pedro Bala. Como a voz de Deus chamava Pirulito, a voz do ódio o Sem-Pernas, como a voz dos sertanejos chamava Volta Seca para o grupo de Lampião. Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma voz que chama para lutar por

todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade. A cidade no dia de primavera é deslumbradoramente bela. Uma voz de mulher canta a canção da Bahia. Canção da beleza da (p. 254) Bahia. Cidade negra e velha, sinos de igreja, ruas calçadas de pedra. Canção da Bahia que uma mulher canta. Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala.”

³AMADO, Jorge. Capitães da Areia; romance; ilustrações de Poty – 123ª Ed. – Rio de Janeiro; Record, 2007.

Anexo 4 - Proposta de redação

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores entregues e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre a **situação do menor abandonado** OU a **temática da sexualidade na adolescência**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Anexo 5 - Proposta de reescrita

Com base nas considerações feitas pelas suas professoras, pelas discussões e por todo o contexto e conteúdo já estudado, reflita e reescreva seu texto dissertativo-argumentativo.

Anexo 6 - Produção final da turma: Fotolivro

